

AUTORES LIVROS

Fevereiro de 1950
Ano X

Diretor e redator: MUCIO LEAO
Gerente: LEONARDO MARQUES
Secretário: SERGIO R. VELLOZO
PREÇO: — Cr\$ 3,00

Volume XI
N.º 2

Notícia Sobre Alexandre de Gusmão I

Nasceu em Lisboa em 14 de agosto de 1629. Aos 10 anos de idade veio para o Brasil, e aqui viveu toda a parte da sua vida, que se prolongou por noventa e cinco anos. Teve, pois, oitenta e cinco anos de Brasil, por dez de Portugal.

Muito pouco se sabe acerca de sua vida. Diz-se que estudou as humanidades no Rio, e que tomou as ordens sacerdotais no Colégio dos Jesuítas da Bahia (em 28 de outubro de 1646). Foi ministro do Colégio da Bahia, reitor dos Colégios de Santos, Espírito Santo e Bahia, mestre de noviços na Bahia e no Rio, provincial do Brasil (1683). Fundou em Vila de Cachoeira (Bahia) o seminário de Belem, cuja pedra fundamental foi lançada a 13 de abril de 1687. Fez-lhe em 28 de dezembro de 1739.

Erasm seus sobrinhos os dois irmãos Bartolomeu e Alexandre de Gusmão, os quais levaram o nome de Rodrigues (que era o do pai) para adotar o do tio.

Faleceu em Cachoeira em 15 de março de 1724, e cheio de santidade. O povo acorreu para venerar seu corpo, e disputava pedaços de suas roupas, para guardar como relíquias. Seu enterro teve que ser feito às ocultas, tais eram as demonstrações que davam as populações saudosas do ilustre sacerdote. Foi sepultado na igreja de Belem, tendo sido colocada sobre a lápide esta inscrição:

«Hic jacet venerabilis P. Alexandre de Gusmão hujus seminarii institutor — Obiit 15 Martii anni 1724».

Os discípulos de Alexandre de Gusmão trataram logo depois de sua morte, do processo de sua canonização. Um deles, o padre João Honorato (contá Serafim Leite) remeteu para a Europa, em 1733, um cofre artístico com incrustações de prata, oferta de um jovem a quem o mesmo Honorato ensinara filologia e a quem o padre Alexandre batizara: visava, com essa realeza, fomentar aquele processo de canonização. Foi pintada então a verdadeira e verdadeira de Deus, e na Europa se gravaram várias estatuas suas, as quais foram distribuídas no Brasil. Uma delas foi gravada por Gottlieb Heuss, em Hamburgo (Alemanha), e tem fama de ser magnífica.

ESCRITURAS

Escola de Belem, Jesus nascido no presépio, 4.ª de XVI-327-IV páginas — Oficina da Academia — Évora — 1678; 2.ª edição, idem — 4.ª de XIV — 379 páginas — 1735.

Menino cristão — 4.ª Miguel Deslandes — Lisboa — 1695.

Sermão na Catedral da Bahia de Todos os Santos nas exéquias do Ilmo. Sr. D. Fr. João da Madre Deus, primeiro Arcebispo da Bahia — 4.ª, IV-20 páginas — Miguel Menescal — Lisboa 1886.

História do Predestino Peregrino e seu irmão Precito, em a qual, debaixo de uma misteriosa parábola, se descreve o sucesso feliz do que se há de salvar e infeliz sorte do que se há de condenar — 8.ª de VIII — 254 páginas — Miguel Deslandes — Lisboa — 1682 — 2.ª edição, 8.ª Oficina da Academia — Évora — 1685; 3.ª edição, 8.ª: Felipe de Sousa Viçela — Lisboa — 1724; 4.ª edição, 8.ª de VIII — 364 — X páginas — Felipe de Sousa Viçela — Lisboa — 1728. Foi traduzido para o castelhano — Barcelona — 1696.

Arte de criar bem os filhos — 8.ª de XVI — 388 páginas — Miguel Deslandes — Lisboa — 1685.

Meditações para todos os dias da semana pelos exercícios das potências da

alma, conforme ensina Santo Inácio — 8.ª de XVI — 272 páginas — Miguel Deslandes — Lisboa — 1689.

Maria Rosa de Nazaré nas montanhas de Hebron e Virgem Nossa Senhora na Companhia de Jesus — 4.ª de XVI — 438 páginas — Oficina Deslandesiana — Lisboa — 1715.

Eleycao entre o bem e o mal eterno — 8.ª de XVI f., mais 526 páginas — Oficina da Musica — Lisboa — 1720.

O Carro e a Ponte da Arca de Noé no sentido alegórico e moral — 8.ª de XXIV — 222 páginas — Bernardo da Costa — Lisboa — 1734.

Arvore da Vida, Jesus Crucificado — 4.ª — Bernardo da Costa — Lisboa — 1734.

ALEXANDRE DE GUSMÃO COMO ESCRITOR

Das obras do Padre parece que a mais importante é a *História do Predestino Peregrino e seu irmão Precito*. É um romance moral, e como todas as obras postumas desta fase, tinha a sua finalidade de edificação religiosa. Vemos nela uma sucessão interminável de símbolos e alegorias. *Predestino* e seu irmão *Precito* viviam em uma cidade do Egito, e cada um seguia a fruição de suas tendências pessoais. Quando chegou a hora de escolher esposa, o primeiro casou-se com a *Razão*, e desse casamento nasceram-lhe dois filhos: *Bom Desejo* e *Reta Intenção*. *Precito* casou-se com a *Propria Vontade*, e também lhe nasceram dois filhos: *Mau Desejo* e *Torcida Intenção*.

NOTÍCIA SOBRE AZAMBUJA SUZANO

Luiz da Silva Alves de Azambuja Suzano nasceu em 20 de agosto de 1791, no Rio de Janeiro.

Destinava-se à carreira eclesiástica, e, para isto, cursou as aulas do Seminário de São Joaquim. Desistiu desse intento, entretanto, e dedicou-se a atividades civis.

Indo residir no Espírito Santo, ali entrou-se a vários trabalhos. Tomou parte ativa na propaganda pela causa da Independência. Seus serviços foram reconhecidos, e ele se viu escolhido para membro e Secretário da Junta Provincial que administrava a Província antes da nomeação do Presidente efetivo.

Sua verdadeira carreira, contudo, foi a de empregado de Fazenda. Ali subiu de simples escrivão a Inspector de Fazenda, cargo em que se aposentou em 1850.

Ainda exerceu outras atividades: foi professor de latim, trabalhou na advocacia, mediante provisão que lhe foi concedida. Foi deputado provincial no Espírito Santo.

Era Oficial da Ordem da Rosa e Cavaleiro da Ordem de Cristo.

Faleceu em 16 de agosto de 1873, em Vitória, Capital da Província em que sempre exerceu sua atividade.

Azambuja Suzano foi autor de numerosos livros — alguns de Direito, ou versando assuntos que se prendem à matéria jurídica, outros de assuntos filosóficos, outros de assuntos puramente literários, outros, enfim, traduções de obras de famosos autores estrangeiros. Entre estes últimos acham-se o «*Orlando Furioso*» de Ariosto;

Para os mentes, *Predestino* escolheu como mentor a *Verdade*; *Precito* escolheu a *Mentira*. Mais tarde, quiseram eles mudar de terra: *Predestino* foi para Jerusalém, *Precito* para Babilônia.

O romance do bom padre é todo ele assim tecido e se dilata nas concepções da mais preciosa exemplificação moral. É difícil haver quem aluda o leia hoje. Fidelino de Figueiredo filia essa novela (tanto essa quanto o *Peregrino da América* de Nuno Marques Pereira) ao *Pilgrim's Progress* de Bunyan. E assim julga a obra de Gusmão «E gongórica a estrutura, pelas necessidades de evangelização amena, mas, e simples e corrente no estilo.» (*História da Literatura Portuguesa*, p. 185).

Por uma questão de clareza jurídica, uma vez que incluímos o Padre Gusmão nos quadros da literatura brasileira, temos de considerá-lo como o verdadeiro fundador do nosso romance. É uma simples evidência da cronologia.

ALGUMAS FONTES SOBRE ALEXANDRE DE GUSMÃO

Barbosa Machado — Bibl. Jesuít. I — 1,33 e VIII — 31.

Fidelino de Figueiredo — Literatura Portuguesa.

Inocência da Silva — Dicionário, vol. I e 8.

Laudino Freire — Revista de Literatura Portuguesa n.º 28.

Serafim Leite — História da Companhia de Jesus — V. p. 167; VI. p. 315; VIII. p. 289.

Velho Sobrinho — I.º 184.

an «*Odes*», de Anacreonte, e a «*Apolo-gética*», de Tertuliano.

Propriamente como obras suas, deixou ele uma romances que têm merecido a consideração dos leitores e dos eruditos — «*Um roubo na Pádua*», «*O Capitão Silvestre e Frei Veleoso*» ou a *Plantação do Café no Rio de Janeiro*, «*A baixa do Matias*, ordenação do Conde dos Arcos. Vice-Rei do Rio de Janeiro».

Dando notícia do segundo desses romances — «*O Capitão Silvestre e Frei Veleoso*» ou a *Plantação do Café no Rio de Janeiro* — informava João Ribeiro ser Azambuja Suzano o príncipe, cronologicamente, dos nossos romancistas. Consta-lhe a observar que, antes de Azambuja Suzano — nascido, como se viu, em 1791 — o Brasil possuía pelo menos três romancistas, ou três autores de obras que, pela sua natureza, pela sua estrutura, pelo seu plano, podem ser consideradas romances: e são Teresa Margarida da Silva e Oria, que é, certamente, de 1712; Nuno Marques Pereira, que é, também, certamente, de 1652; e Alexandre de Gusmão — o primeiro desse nome — que é de 1629. (Além, o último é nascido em Portugal).

Azambuja Suzano era um escritor de fracas qualidades literárias, e João Ribeiro, que foi severo para com ele, assim se pronunciava acerca dos méritos de «*O Capitão Silvestre e Frei Veleoso*»: «Não se pode imputar mais insulsa e trivial fantasia que a do autor desse mísero livro, intitulado de — romance brasileiro. E havia de ser

(Continua na página 15)



Alexandre de Gusmão, autor de «O Peregrino da América», e, como tal, considerado um dos precursores do romance brasileiro.

SUMÁRIO:

- | | |
|--|---|
| PAGINA 13: | Rio de Janeiro, romance brasileiro por Luiz Alves de Azambuja Suzano. |
| — Notícia sobre Alexandre de Gusmão | |
| — Notícia sobre Azambuja Suzano | |
| — Uma História da Literatura Brasileira | |
| — Nota ao presente número de «Autores & Livros» | |
| PAGINAS 14, 15, 16 e 17: | |
| — O Capitão Silvestre e Frei Veleoso ou a plantação de Café no | |
| PAGINAS 18, 19 e 20: | |
| — A poesia de Maria Antonieta Tatagiba. | |
| — «O carro de bois», autógrafo de Maria Antonieta Tatagiba. | |
| — Recado ao «Correio das Artes» | |

Uma História da Literatura Brasileira

A primeira parte de AUTORES E LIVROS constitui uma gigantesca «História da Literatura Brasileira» que, do tamanho regular de livro, formaria quatro grossos volumes de quinhentas páginas. Dos 11 fascículos já saídos nesta nossa segunda fase de publicação, iniciada em junho de 1948, poderíamos formar vinte e sete dos capítulos iniciais da referida obra, a saber:

- Francisco Pires;
- João de Azevedo Navarro;
- Leonardo Nunes;
- Luis da Gôa;
- Antônio Rodrigues;
- Pero Correira;
- Pero Rodriguez;

SÉCULO XVII

- I — Padre António Vieira;
- II — Gregório de Matos;
- III — Euzebio de Matos;
- IV — Manoel Botelho de Oliveira;
- V — Frei Vicente do Salvador;
- VI — Diálogos das Grandezas do Brasil;
- VII — Diogo Gomes Carneiro;
- VIII — António de Sá;
- IX — Nuno Marques Pereira;
- X — Rocha Pitta;
- XII — António José;
- XIII — Matias Aires;
- XIV — Teresa Margarida da Silva e Oria;

NOTA: Não foram citados na relação acima, por constituírem volumes especiais, os seguintes:

- N.º 5 (vol. IX) — dedicado a Casanova;
- N.º 11 (vol. XI) — dedicado a Fray Juan de los Rios;
- N.º 15 (vol. XI) — dedicado a Grotte.

Nota sobre o presente número de «Autores & Livros»

Dedicamos o presente número de AUTORES E LIVROS a dois dos precursores do romance brasileiro: o Padre Alexandre de Gusmão (1629-1724) e Azambuja Suzano (1791-1873). Vem esse número integrar-se com dois anteriores, nos quais já tivemos ocasião de estudar outros dois precursores do nosso romance: Teresa Margarida da Silva e Oria (vol. 10, n.º 14, correspondente ao mês de novembro de

1949) e Teixeira e Sousa (4.ª vol., n.º 13, saída em 6 de junho de 1945). Creemos que, com esses quatro autores, fica bem estudado, em suas origens mais remotas e mais próximas, o romance brasileiro — o glorioso gênero que havia de ter a sua floração suprema na obra de tantos escritores e, a nosso ver, principalmente na de um Aluísio de Azevedo, na de um Lima Barreto, na de um José de Alencar, na de um Machado de Assis.

O Colégio da Bahia e a Igreja de Mem de Sá em 1625. Pormenor ampliado do mapa da «Recuperação da Cidade do Salvador, da «formada dos Vasaes», do P. Bartolomeu Guerreiro, impressa em Lisboa em 1625. Apud Scrafim Leite — «História da Comunidade de Jesus» (volume V).

A Poesia de Maria Antonieta Tatagiba

Maria Antonieta Tatagiba nasceu a 17 de setembro de 1895, no município de S. Pedro de Itabapoana (do Rio de Janeiro do Sul) no Espírito Santo, e era filha de Artur Antunes de Siqueira e de Maria de Costa Siqueira. Tinha mesma idade, quando os pais a levaram para Campos, no Estado do Rio, cidade em que iam entregando a atividade comercial.

Frequentou até o 4.º ano no liceu de Campos, e interrompeu os estudos por motivo da morte de seu pai.

Em 1914 foi nomeada professora de uma escola mista do distrito de Mimosa, e dois anos depois, concluiu o seu curso de humanidades no Ginásio do Espírito Santo. Passou a professora pública de S. Pedro de Itabapoana, e ali, a 5 de maio de 1922, casou-se com o Dr. José Tatagiba, que era promotor daquela comarca.

Faleceu no Rio de Janeiro, a 13 de março de 1928.

Foi colaboradora de «O Jornal» e de «O Malho» (do Rio de Janeiro), da «Vida Capixaba» (do Espírito Santo).

É patrona da Academia Espírito-Santense de Letras.

Escreveu «Fruita Agreste» — Livreria Editora Leite Ribeiro — Rio de Janeiro, 1927, 138 páginas. «A Cruz da Aldeia» — conto. Foi publicado em «O Jornal», 1922.

POESIAS DE MARIA ANTONIETA TATAGIBA

FRAUTA AGRESTE

Este sítio risonho entre montes aberto
É a seara de Roaz, onde a miséria humana
Não entristece o olhar que vê o céu de perto.

Lindo e azul qual preciosas e antigas porcelanas
Quando reia a manhã chetosa, pura e fria
E ares guerreiros, a sol, de seu carro espadana

Sentir de ouro e de luz por sobre a ramaria
Fôbre as anas se abrindo abreviadas pomares,
Num bulício de vida e de sa alegria...

Que lado é o luto azul que sobe dentes lares
Para o alto a se juntar aos túlos da nublina
Nas serras, de onde vem, embalsamando os ares.

Um aroma de jasmim — a essência agreste
Se lina
Dos verdes lançiais se abrindo ao longe, em
[illegible]...
Canta a voz de cristal do sino da colina.

Lembrando no lá desperto e ativo lavrador
Que a terra fértil, boa, espera o grão nas leiras
Para o tornar em pão, regada de suor.

Ha duetos de sabida à tarde, nos balceiros
Para embalar o sol que atrás da terra expira
Golfando sangue sobre as cristas das pedreiras.

Rósea, a sempre-luzada os seus leões antra
Pelos sebes da estrada e a mesma pelos campos.
Onde pressam cantando águas car da salina...

São os dias aqui sempre azuis... Fomes lampes
Coram na ramada o labor da charua...
São as noites de paz, cheias de pirilampas...

E como é sugestiva e poética esta lua
Serrana, quando mostra entre o crivo da mata,
Num desmaio de amor o face casta e nua...

Sobre a aldeia adormecida — oh! magia tão
[illegible]
A alma que sonha — entorna o seu clarão
[illegible]

Aluminando o enlevo azul da secretaria...

Aqui neste rincão de verduras coberto
Entre montes tufos que beijam o infinito
E onde se julga ver o claro céu de perto.

É que os dias eu passo em sonego bendito,
Tocando a minha frauta e ouvindo a singeleza
Do seu som se casar, das aves ao spartito.

No seio acolhedor da bela Natureza!
(Fruita agreste)

A CRUZ DA ALDEIA

Vejo o seu vulto solitário e esguio,
Recordo no azul destes céus dopos...
Beliza a luz, num beijo viste e frio.
Que exorre com um prato de seus braços...

Plantaram-na ali, árvore de amor,
Em meio ao povoado, junto à ermida.
E ela promete um lenitivo à Dor
Que vai qual uma sombra atada da Vida.

Chamando a si, a alma do Bem transviada,
Alafora de crença, ergue-se à luz...
E como um bálsamo extravasado em cada
Aflição a piedade de Jesus.

Quando rompe a manhã, cerradas portas,
Brilham longos rodízios de rainhas,

— Franto que a noite chora em horas mortas,
Sobre os seus braços — pouco de andorinhas.

Veja assim negra e merencória, pelas
Cruas noites de inverno e de tristeza,
Sob o céu limpo de astro das estrelas,
Com esse ar de quem sonha, de quem reza...

Que é que pedes, ó cruz, heusa oração?
Que Deus proteja a pequenina aldeia?
Que jamais a uma boca falte o pão,
Que sobre a ventura que escasseia?

Reza a tua doce e irada prece,
Nada brilhar ao sol a loura seara,
Ao redar haverá mais falta meoso,
E em cada lar uma rizada clara.

O cruz, cheia de bemaventurança,
Imã das que no Campo-Santo — em alas,
Chorara pelos mortos sem lembrança,
O ovalito feito lágrimas de espalas.

E tu não és em ti bendigo o vulto santo
Da que no meu jargão não se esquecer:
— De seus braços, talvez, a único cranto,
Canta, a chorar por mim, quando eu morrer!

(Fruita agreste)

OUTONO

Eis o outono que chega. As frondes arpegia
Uma ligeira brisa e o arvoredo acalando
Expondo-se ao color suave de um sol mais
[illegible]

Numa revelação de incontinida alegria.

A natureza toda é frescor, louçania...
Um quebranto de luz e cor tudo adojando...
Uma orquestra triunfal vibra de quando em
[illegible]

É a música do espaço em um duo de harmonia.

Com a música da relva... Evroça o enxame
[illegible]
Das abelhas, buscando a doçura do mel,
Dum ponto ou dum flor, nos ramos do vergel.

E a alma verde da terra exuberante e flores,
Ranhalha de prater na renovada glória,
Duma germinação tanta de frutos de ouro.

(Fruita agreste)

FRUCTIDOR

Vivo sol irradiando em fulgente cuneta
A loura luz que lateira o grão verde aquece.
Do outono a cornucópia avinda se deslata
E no curo da razão a veiga resplandece.

Um magico tesouro evoca o flama meze
A brilhar através da tolhagem de prata,
De pomos de topósis a flora se entretece
E um cheio de pomar derrama a brisa grafa.

De Arehuzas é talvez o sonhada jardim
De fulva frutescência a cintilar assim
No brilhante verdor da vigeira ramada...

É que Pomona abriu o seio duro da terra
Que tamanha riqueza ocultamente enocora,
Numa fecundidade opulenta e abençoada!

(Fruita agreste)

GENUFLEXAO

Deste-me, ó Deus, a inextinguível graça,
De cre. A terra toda trevaria...
E a Fé é a gema rútila, sem jaca,
Entre o luzir de Jalea pedraria...

Lembra o Mar Morto a sedução do mundo:
A lina cristalina, cor de jade,
Oculto a vasa pútrida do fundo.
Cier, é um pouco de felicidade...

Sentir alma de aieu, alma de treva,
Que não desvenda, além, a perleição...
F ver que a Dor em nossa carne cava
A horrivel fome de vampiro, em vão...

Solter vinda estrelada a esfera clara,
A terra toda em flor, como um rosal...
E a vida que nos enche o ser, tão entra!
Não ser nada na vida universal!

Creer que este efêvio que a matéria tem
Morra na cova, de infalível fama,
E que do morto nada renle além,
Da podridão que em seiva se transforma.

Para nutrir a terra... E ver que os anos
Passam e onde esse prouto perleito?
Ah! É a ventura feita só de enganos
E esse não ser total do último leito?

Não sonhas, infeliz materialista,
Que é tua alma o teu maior carroço?
Eu creio!... Sim, eu creio! E quando a vista
Levanta ao céu forrado de damascos,

Pressinto, Deus, o teu fulgor... Em tudo;
Nas selvas onde há flores e há espinhos,
Onde há serpes na relva do veludo
E cantam as aves com amor nos ninhos.

No majestoso mar, na linda aurora
Cheia do curo do sol, na noite cheia
Do alvor do luar... em tudo isso elabora
Tua mão... ela tudo alarmaseia...

E quanta maravilha oculta, acesa
Pelo universo além do nosso alçar!
E em tudo fulge essa eterna Beleza
De que és o centro — a fonte luminar!

Deus! Creia em ti e na minha alma creia;
Por ti soba serrendo, não bendito
O sustinemo que me punge o seio...
A Dor é um degrau para o infinito.

E o caminho onde adquiro intenso
Brilho o curo do alma... E sou feliz, Senhor,
Porque nua ser se eleva como o incenso
A tua luz, numa oblação de amor!

(Fruita agreste)

QUANDO EU SONHAVA O AMOR

Quanta ilusão quando se sonha o Amor!
Que candar nessas almas namoradas
Que alham a vida, ingênua, a supor
Que há só raios no longo das estradas...

A esperança é um lanlanha enganador,
Tem a voz das arelas encantadas...
E as venturas sonhadas com fervor
Nã são mais do que espumas trizadas...

Não pode dar o amor felicidade
Porque em si traz grande e cruel verdade...
A triste impelleção de que é terreno...

Acaba... morre... mas no coração
Em que viveu, eterna ficado
Os desenganos — seu latol veneno...

Quando eu sonhava o amor e não o conhecia;
Ficava horas a fio, estática, enlevada;
Sem os qves ouvir, sem ver que a ramaria
O verde leque abria à luz do sol dourada...

Porque um não sei que na distância encantada,
Mas às vezes, sonha, em silêncio, sorria;
Sorria que lembrava uma alegre alvorada,
Quando eu sonhava o amor e não o conhecia...

Um dia ele chegou. Foi um deslumbramento
Que sobre mim passou como um clarão vilo.
[illegible]
Depois... a solidão caiu sobre os caminhos...

O coração sangrava, eram cruéis espinhos...
O lei para morrer, me a sede na jornada,
E nos braços do Amor me vi crucificada!

Quando eu sonhava o Amor, sem o sentir,
[illegible]
As vezes consultava o parvir e à momeira
De oráculo, estalhava a corola ligeira
E olente de uma dor — crônicas de mulher...

As pétalas ao chão caiam... mal-me-quer,
Bem-me-quer... E láis, sorria à derradeira,
Quando desteita a flor, mostrava alvigeira
Brilhando o sol do Amor, num céu de rosideir!

Que mentam os mal-me-queres bem eu vejo,
Tem um dócio o Amor — é o trêgico desejo
Em cujo chama ardente as almas se cono-
[illegible]

Imãs, não vos queimeis à luz como as falenas.
O verdadeiro Amor é infinito e apenas
É impossível caber no coração de um homem!

(Fruita agreste)

ANGELUS

— Negra sombra à noite já dançara...
Ave-Maria!... um sino psalmodia...
De quebrada em quebrada: ave-maria!
Repete soluçando a alma da terra.

Sobre os vârzeos em flor suave aroma erra...
Embalando essa hora fugidia,
De misticismo... sonho... nostalgia...
Em que a alegria, o coração desterta.

Tudo se aquieta... Ha um ciclar de prece
Na voz do vento... O céu se abre em grinalda:
De oses e a papa-cóia resplandece...

A asa da treva, enlento, envolve os campos
E em procissões de vivas someroladas
Bailam dentro da noite as pirilampas.

(Fruita agreste)

LUA DOS TRISTES

O luar, é pálida cativa
Destes azuis castelos de an,
Que é que te faz tão pectativa,
Luar, no céu assim ciarar?

Teu disco no alto já flutua
E, roas subindo mais... subindo...
Que é que procura, doce luar,
Pelo amplidão do céu zifundo?

Segues tão só, sem companhia...
Nã tens amor — bem o odvinhe —
Por isso és branca assim e fria
Luar vivua de conchios...

Buscas talvez um amavio
No ignoto fim que te conduz
Es leltiosa... que deentio,
Que estranho filio em tua luz!

É fumo de ópio que derrama
Nesse palor que tudo noaima...
Mas essas brancas, frias chammas,
Que devorais geram na alma!

Tudo adormece ao teu clarão,
Da noite umã, dona do céu,
Quando flutua no empilidão,
A luz do luar — teu claro véu...

Que fluido é esse, com que banhas
De poesia, sonho, encantos,
A aldeia, os vales, as montanhas,
— Ambulã cheia de quebrantos?

É gelo em pó que o luar semeia
Murmura a flor interrompida...
— Eu amo o noi, ó luar cheio,
Porque és assim fria, sem vida?

É antes que a rósea aurora apante
Caminha a luz de cristal...
Caminha... e some no horizonte
Mas a ninguém dá o seu mal...

É sem que eu mais no céu aviste
Envolta em nuvens de selim
Essa visã da lua triste,
2 sem querer que penso em mim!

(Fruita agreste)

CETICISMO

Já não creio na Amor... Qual um vago
[illegible]
Pela ardência do sol, secou meu coração
Mas o prouto do céu larã virente o prado
E ai de mim! não terel o ovalito da flutua...

Mas quanta vez, ah!, quanta! um prouto
[illegible]
Das meus olhos correu... quantas chorei...
[illegible]

Sentindo-me morrer... e escutando a meu
A vida a gorgelar a perpétua canção.

Depois veio a desatrança ingente e dolorada
E que bebi dessa água eterna da Verdade
Mais amargou que um prouto amargo de mulier

E em meu seio esolhou-se o amor qual um
[illegible]
Deixando o desencomio, esse ri de piedade
De tudo e de mim mesma — o riso de Voltair!

(Fruita agreste)

BALADA AZUL

Vibra no ar desta sonegada
Manhã, enchendo-me o aposento
O lino sem desta balada
Que anda a vagar na asa do vento...

Tão doce voz, tão inguadada
Faz-me sonhar, lat-me supor
Que uma sereia enamorada
Ao longe, canta a aria do amor...

Sobre a água verde debruçada
Com seu cuniar tão doce e lento
A lavadeira apaixonada
Embaló o rio sonolento...

A Poesia de Maria Antonieta Tatagiba

E não sabe a sua toada,
Que no brejeiro aberto em flor,
O solta a toada, a passarada
Que a canção lhe ouvir, de amor...

A toada mata, extasiada,
Que teve imóvel um momento,
Para secar a voz de cada
Que tinha a manha de encantamento...
O lavadeira enamorada,
O que ler o teu candor,
E de flores toda bordada
De canção cantar, de amor...

Mas não quanto é torturada
E não e amarga o seu travar,
Que a toada — flor delicada,
Que o amor, morte de amor!

(Paula Agreste)

VITÓRIA COLONA

— Morrer e renascer ardente, moço, belo
E, como o meu David, claro de ju-
ventude
Aparecer, sorrindo, a Vitória Colona!

(MIGUEL ANGELO — O. BILAC)

Na sua luminosa azul, sob a palheta
De fantasia a velo... Equivoque o reposteiro
Barrado, alumia a sala a luz violeta
De um crepúsculo suave... Abre a Jordim
[fronzeiro,

Avizora de veludo e rósea setimela,
A mão na face, a Vitória clama... Inteiro
Faz a alma lhe observe — a amada silhueta
Que olhar revê, de brilhante querrela,

Em seções da saudade... E a ventura passada,
A lembrança do amor, a mágoa que transpira
Entre fôrtes de luz, pelas nuvens beija-das

Tão a luz despertar... nem mesmo a adoração
Mistura de Miguel Angelo, sua lira
Canta em madrigais as arias da paixão!

IDILIO

No trampo rendilhado e florentino
De laranja sua, o sol aquece ainda,
E passeado canta alegremente
A plêiade desta terra clara e linda

Adeja a travessura
E caraboleia pela selva em flor
Festieja ao longe uma alegria pura
A flauta do pastor,

Nuvens de praia, estadas em lourel,
Destilam pelo azul... Brisas propicias
As raras do vergel
Deslham nas carícias

E na mata selva, à sombra do arvoredo,
Belo compão enlaça a namorada
E, tímido, em segredo,
Beija-lhe a linda boca acerejada!

MORRER MOÇA...

— Os amados dos deuses morrem novos —

BYRON

Que bom morrer quando se é moço e amado!
Indiferente, forte,
Triunfar de quimeras enganadoras,
E ir dormir entre rosas,
Frias rosas na face macerada,
O alvo Sanha da Morte!

Morrer quando se é moço é dita imensa
As eleitas cabido
A ventura é perfume que se evola
E quase não cansa
Tão ligeira, tão leve, não compencha
Os espinhos da Vida.

Morrer moço é morrer quando se deve!
E ver no último arranco
Da alma que foge, um lindo sal de estia,
E bem longe, o sombrio
Espectro da velhice — a triste névoa
Sobre o cabelo branco!

Morrer moço... É assim que vou morrer?
E a boca que, lentamente,
Beijante em horas de Paixão e Sanha,
Num túmulo tristonho
Breve irá se ocultar na florescer
Do verão mais fulgente!

FLAMBOYANT

Por este fim de inverno desolado,
A rama em flor, à beira do cominho,
Gueteiro vencido de chagas estrelado,
Ergue-se o velho flamboyant, sóbrio,

Na forte contorção dos galhos retorcidos,
Jorzar parece o sangue,
Que os verdes ramos torna enrubescidos,
Em feições de rubim se transformando...

E quando
Exanque
A velha árvore ardente
Deixa gotas cair de sangue quente,

Cobre-se o chão de rubra e aveludada alfombra
Que faz sonhar do crepúsculo a sombra,
A ardente Solamê ali dançar
Em delirante aparição!

Tras esta sangrenta árvore à lembrança
Ansias de instigação aspiração,
Almas que desconhecem a bonança,
Bóas ardentes da paixão,
A boca de Belkis, bocas que pedem beijos
E vibram em câmbios arpejos,
Almas leitas de amor e loucura sômente,
Olela amarelhada em flores, na corrente...

As elarés da luar,
Como um druida envolvido em purpúreo manto,
O flamboyant põe-se a rezar,
Quando perpassa o vento um trissilábico conto,
E em cada nota soluçada no stradivário da
[tristeza,

Sente-se a mágoa recalçada
De uma dor sem igual na natureza...

O ávore da Paixão e da Tortura,
Em ti se pensa haver, árvore triste,
Nesta amargura
A mesma angústia que em minha alma existe!

LEDA

(Ante um painel antigo)

Cintila o sol no emolite azul do céu de Sparta...
Num recanto do parque, à sombra da alameda
Em flor, a se espalhar no lago, despe Leda
A alarde e desliza a traça de ouro, larta,

Nivea, sua aparece... Esplende a labareda
Da Beleza na crina estuante, que essência
[haria
Embalas... A poça volúpia não se aparta
Deste vazo de gózo em que Zeus se embe,
[bedo...

Da relva no tapiz se estende malmente
Leda... A alegria acende o seu formoso olhar...
Há um rumor de aros... Surge um belo ciano
[albeante,

Ali, à beira da água, e em alcárges divinos
O pescoço de ornitho, aguilão, vai posar:
Nos anilares de amor dos seios pequeninos!

TARDE DE CHUVA

A chuva desce tristemente, em fios
Da prata sobre as árvores e guias,

Toda a verdor do campo em olivados
Tons se esmaia à néblina que se aspira,
Uma queixa desliza em balbucios
Chora o vento nas folhas de uma taia...

— Que tristeza nos lividos, sombrios,
Raios de luz da torde que asmaia!

Meu coração, no aperto de uma rara
Dar, como que se fecha e deslatace,
Qual este firmamento sob o véu

Das cinéreas nevoelinas... Mas findara,
Minha angústia — quem sabe? — se su pu-
[desse

O RISO

Bendito seja o riso que aos negreços
Da vida, os inleis los olvidar,
Como o vinho, adormece as nossas dores,
De quem sofre é conforto singular.

Dislarga o sentimento sob flores...
Poderei? Trazes na alma algum pesar?
Ri que o riso adormece as nossas dores
E nele um lenitivo há de encontrar...

Riso é ironia — riso é esquecimento,
Aos tristes dá aspecto de ventura
E faz supor diante o sofrimento...

Riso — inventável arma de mulher
Que, riado, dormente, não temura
Seduz o mundo inteiro, quando quer!

SERENATA

Dentro da noite límpida e silente
Dormem as casas, bem como o arvoredo.
Na rua, ora deserta, o luar sómente
Iluminando idílios em segredo...

Uma doce balada, de repente,
Tremula, se desliza, quase a medo:
E sobre... e vda na amplitude dormente,
Onde resplende o luar dourado e ledo!

Solara o bandolim nas mãos febris
De pálio Romeu, a decamar
Lágrimas musicais, queixas suís

Abre-se uma persiana a essa canção,
E de amor palpitante, surge, no luar,
Lulista, entre as glândulas do balcão...

O Capitão Silvestre e Frei Veloso

(Continuação da pág. 17)

uso. Sustentam os economistas que a luta estraga a família, mas não a nação, porque a família é como isolada em seus recursos, e a nação, quando perde uma família, luta para outra, criando sempre o giro no seu seio, não assim, porém, a nação, que se perde e ganha tudo do estrangeiro! A família isolada e de fora do giro, tendo tudo que comprar e nada que vender, perde sem reasserimento. O certo, é que por da inércia e da indolência das que a possuem, que eleva e abate impérios, que abateu Espanha e Portugal, — que abateu brilharam nos ares, no comércio, na indústria, nas conquistas em homens, em Almagueres, em Castros, enquanto não lhes foi da América, em pesadas católicas, dourar as carruagens, em que estúpida inércia ostentava, nas ruas de Madrid e de Lisboa, um balão avoado: — este metal atreco e lúbrico lude e perde agora os brasileiros, que, contentes, como Vinte e cinco, de trazerem seus parentes em cavalos arreitados de prata, desprezando as ares, a indústria, os melancolicamente agrícolas, deixam ir ao estrangeiro até esses mesmos metais da sua pátria.

Coulham de repente a vasta baía de Niterói as nações estrangeiras e deturpadas desta Olir americana ouro e diamantes. O Brasil, que pudera no Rio de Janeiro (como outrora em Lima e espanhóis, na entrada da foz de La Plata) colher de prata e ouro as suas ruas no seu soberano, eptre com este metal a todas as mercadorias necessárias. Mas um comércio todo estrangeiro, e em troca a quase de ouro, esgotam-se os cofres e os minas: desce logo a opulência. Na minas, porém, o desconforto lamenta: revolta-se, clama o antigo metrópole, e o rei, sem recursos, quer ao menos acudir-lhe com a sua pre-

sença, tornando à sua sede. Mas como se deixa o Brasil! Cá e lá se manifestam as mesmas necessidades.

— «Eu liço» — diz o príncipe magnânimo, D. Pedro, herdeiro do trono. Como, porém, salvar esta grande parte da sua herança, fazer surgir suas riquezas, dar-lhe o brilho e majestade?

— «Um empréstimo (aconselham cortesãos, egoístas ambiciosos)! A Inglaterra tem ouro: alista seus catões à usura».

— «E não se irá outra vez, como dantes, desse ouro? Eis-meio recurso!»

— «Mas crises e necessidades de um Estado, há só quatro recursos, o primeiro é fiscalizar as rendas, apurando e simplificando a arrecadação dos impostos, que as produzem, o segundo é diminuir e mesmo cortar todas as despesas supérfluas de mera ostentação, desperdícios, favoritismos, o terceiro é o empréstimo; e o quarto, novos tributos. Mas a primeira destas diligências não deve ultrapassar as ruas do justo e honesto; a segunda, não deve desconhecer o mérito e o necessário; a terceira só deve ter lugar em caso imprevisto de urgência, e porá empregar de tudo que tornem do mesmo empréstimo a provir o capital e os juros despendidos, despenda meramente adiantada, é comer o trigo em erro, ou, como disse o orador romano, *cortare non vultis fructibus proditorum*: a quarta, enfim, é sempre ruinosa, quando as necessidades não são cabais e proporcionadas aos hovers da indústria: é mais juízo e prudente aproveitar pingos de ouro do que novos contribuições, que também se arrecadam pingando a pinga, beliscando e atifigando. Na minas, em que estamos, não nos pode dar fôlego um só destes recursos: não aproveita um sem outro; de todos crescemos: exigem, po-

rem, mão habil, amestrada nos negócios, para os dirigir».

Assim se aconselhava o príncipe, nos apuros de uma revolução nacional, na carência magnânima de fundar um império, salvar um povo nobre, bruto, quando os estrangeiros, presurosos de seus saldos, pedem na praça:

— «Calé! Calé! Queremos ouro ou café! Trocamos por café as nossas macedonias!».

Ha males que vêm para bem, e da necessidade geram a indústria.

— «Eis um verdadeiro recurso (alargam agora, atalagados, negociantes e lavradores, depois que se viram sem ouro). — Abaixo as nossas florestas! Revistas-se de cateleiros as nossas montanhas!».

— «Eia! Calé é sinónimo de ouro! (suspiram os filhos e netos de Silvestre). — Plantamos! Oh abençoado Veloso! Oh abençoado Lavrador! que nos metestes à porta de casa esta rica semente! Deus vos tenha com os anjos, na bemaventurança!».

As carreadas de cateleiros, ostentam aqui e lá o rubro entre o verde algumas colinas, plantadas de outro tempo; e aí o grosso jequitibá, e aí o ipê, a peroba, e rebenta em seu lugar o jasmim da Arábia, a preciosa lava de Moka; tudo, desde a mangueira do Tietê da beira do Tocantins, floresta com este arbusto da Abissínia nasce com este arbusto da Índia e do Yemem, por toda parte se reproduz e multiplica o cateleiro. E que de colares de coroa, recolhendo o brilhante fruto purpúreo! Que bullicho Rodam, rangendo pelas ruas, carros e carruagens, carregados, os loquazes cateleiros e atropelando de inenarrável sacaria a praça, que debalde se agram por debastar as boludas urcas e os grossos galões do comércio.

(Conclui na pág. 20)

O carro de bois

A uma luz de um céu de fevereiro,
Nem mais nevoa pela estrada a fio,
Iogue o carro de bois... Punguemos auma
Tingir o campo e a fiqua do carreiro...

Não como está, com ligeiro...
Nem mais nevoa pela estrada a fio...
Nem mais nevoa pela estrada a fio...
Espigas de ouro sob o carreiro...

De volta, carregado, nem nevoa,
Plantando as hervas sob, num grande gozo,
Até fartar omeu deus São Miguel...

A alegria que sente ao enlevar,
Porque terá fartura o lar do pobre,
De rir de si, não, não, não...

Maria Antonieta Tatagiba

Integrado de Maria Antonieta Tatagiba

A Poesia de Maria Antonieta Tatagiba

A REDE DO SONHO

Macha e teiticeira a minha rede
Tem a condição de adormecer tristuras
e de acalmar a minha ardente sede
de gozos e venturas.

O seu regaço brando e apeteçido,
de moléculas de penas, eu supunha
de fibras supérfluas tocoado
pelos dedos do Sonho.

Em seu cançoço aspiro das papoulas
vermelhas do ópio, a essência que inebria
— fume azul a evoluir-se das copéulas
de pura da Fantasia.

Nesta encolada rede esqueço a vida
lúcida em delicias devaneios
e no olvido destrato a Inalguída
dila dos meus amores.

Se recusa o Destino lúmen e rube
Os meus ideais mais belos realizar,
— horra assim de distans e de quietude,
Vós m'as dais a gozar.

O rede de poesia perfumada,
Ao teu doce balaço quem me dera
Passar da vida à morte desceida
nos braços da Quimera.

parece, não foram terminadas, pois
a aludida cerimônia não se reali-
zou.

É a imagem da Pátria a nossa dura bandeira,
Que os filhos desta terra ativa e hospitaleira,
— Desta terra de bravos que, ao Brasil,
Deu Domingos Martins, o lutador ingente —
Vêm, Soldados, acatir as valor transcendente
De nosso braço forte e varonil.

Váde como vão lúnd no vento se balanço,
Verde cubro-se fesso a oza de uma esperança,
Nessa alívio de quem é livre e forte,
De quem acce o ençoço aurilugente e novo
Do Progresso levada em triunfo, por um povo,
Cuje valor transpõe a próprio morte.

Esse verde brilhante e intenso simboliza,
Os pampas lá do sul batidos pela brisa,
As montanhas, a selva, a derida...
É o montu real da Idá Primavera
Que sempre assim nos dá eternamente impeto
Na terra larca que nos dá o pão...

O leãozinho de ouro é o brilho das searas,
É o rigor do solo em opulências raras.

A refulgir nos campos da lavoura...
É a riqueza do solo... é o imenso esplendor
Deste sol tropical, cujo beijo de amor
Far germinar a sementeira laura.

O azul é o nosso céu, sem bruma, velado,
Onde cada uma estrela é a glória dum Estado;
— Imagem que jorram a alma inmensa e avante
Da Pátria, que palpita em cada um de nós.
E o lema «Ordem e Progresso» é a gigantesca
De Brasil, que nos diz: «Avante! Avante!»

Tilho, Soldados... É o mesmo vitorioso
Fendão, que tremula nos trócos do Barroco...
É o mesmo que entre o fútil dos raios
Do metrô e a levada dos granados sem bar
Tumultuando andado, no som do clarim
Da Vitória, nos campos paraguaios.

Falta na que através dos horrores da guerra
O lúmen, quanto amor e suavidade estura?
Em terra estranho, oprimido, amargurado,
Sentindo a oza da morte minorar a vida,
Quanta coisa não ouve a bandeira querda
Fizer a alma valente da soldado!

* O CAPITÃO SILVESTRE E FREI VELOSO *

(Conclusão da página 19)

A lúma é defendida por um forte
castelo sobre rocha, guarnecido de
trovões e, em tróco de repáramen-
to, em pedregais atalai, vigância
de sentinela, um estado grandioso,
o Pão de Açúcar, mais, uma oza de
outro, vai ainda as lúcas, carregadas
de café, o rio, lúano e generoso,
se arreia e deixa-nos passar, levando
a pontas longínquas esta riqueza
inagotável do seu vasto e fertilíssi-
mo solo.

— «Boa viagem!» — é o seu grito
de alerta.
Nem mais de cura se cura, diamon-
tes se desprezam. Café, tabaco, agu-
ar, algodão... — eis a potência que
move, acenta, vivifica o gênio indus-
trial, que repete, desde o Prata ao
Amazons, a voz celeste.

— Independência do Brasil!
Confinados, com razão, nesta utili-
tária cultura, rodolam os brasileiros
e seu príncipe, ostentam-lhe os recursos
de seu solo, que liberta a na-
tureza, lá parece, com as mãos ete-
rnuas até a cume da Canastra e
do Samorá e quem, que lhe cinda
a glória cabeça uma corba indepen-
dente, com seu braço próprio da
terra da Santa Cruz, separado dos
bezanças de Quirque e dos Algarvos.

Em memória dos cinco reis mouros
varados no campo de Ourique, e do
aquisição do Algarve, pelo casamento
de d. Afonso III com Beatriz de
Castela: — tornaram os reis de Por-
tugal por herança, no centro do seu
seculo, os cinco senhores de lúas, ter-
mados em cruz com cinco bezanças
de prata em cruz, cruz, e, em roda
da cruz, os sete castelos das sete for-
tezas do Algarve. O vulgo inter-
preta os cinco senhores por emblema
dos cinco chagas de Cristo, e os be-
zanças pelo dinheiro que pagou a
trovada de Judas.

O Imperador do Brasil tomou por
limbo do seu escudo uma ostra an-
tural, atravessada da cruz da
Ordem de Cristo, rodeada de estrelas,
e guarnecida dos filhos de café, o
diário, e do tabaco, a esquerda, —
emblema da terra dos Amóres, que
do alto de sua cume alpina, acentu-
ou, como uma estrela no vórtice, a Pedro
Alvares Cabral, para que aportasse
e reconhecesse o novo mundo, a que
ele, então, deu a nome de «Terra do
Santa Cruz», e está a o tabaco sim-
bolizando a riqueza nativa da pube-
dade deste grandioso país.

Um só viva, uma só honra de al-
garia, não deixaram os brasileiros
guardados em seus peitos, quando vi-
ram coroado na paróquia de seu
primeiro imperador este emblema
símbolo da sua grandezça: abraçaram-
em hipódipos, os dois gigantes do
água, Prata e Amazons, e repleta
do um e outra de seus botos o grito
inaugural:

— «Viva o império e independência
do Brasil!»
E que dirá agora, no outro mundo,
o Silvestre e o Veloso?

ELENCO GEOGRÁFICO E HISTÓ- RICO DESTA ROMANCE

Abertina — Região da África, no
sul do Egito; segue a religião cristã
do rito grego, mas tem leuatório o
reino de Anatólia, que segue o macedo-
nismo. Aqui nasce também o café,
como no Yemen.

Almorás — Tribus indígenas do
Brasil, que habitam as montanhas de
seu nome, entre o rio Fardo e o rio
Dado.

Alá — Significa «deus» em língua
árabe.

Alepo — Magnífica cidade da Síria.
Alexandria — Cidade marítima do
Egito, onde concorrem as nações da
Europa.

Ali — Primo de Maomé e casado
com sua sobrinha, filha doze. Depois
da morte da Maomé, dividiram-se os
maometanos em duas setas, seguin-
do uns a Ali e outros a Abobek, um
dos ambos sido companheiros de Maomé,
interpretaram ambos a Alcorão
do seu modo, e ambos deram aos seus
partidários o nome de «verdadeiros
crentes».

Amazonas — Rio do norte do Brasil,
e o menor de todo o mundo.

Amsterdã — Cidade capital da
Holanda.

Auiliões — Grandes e pequenas
ilhas do arquipélago colombiano, que
pertencem a várias nações da Europa.

Árabia — Grande país da Ásia,
desde o istmo de Suez e mar Vermelho
até à Pérsia. O café é o seu prin-
cipal ramo de comércio; nasce espontaneamente
nos montes Diebel, no reino ou Imacato do Yemen.

Arenas — Moça grega, castiçeira
do habilitação, que disputou os pri-
meiros da aquilha com o mesmo pri-
meiro, deusa da cabedoria.

Artemísia — Celebre rainha da Car-
nia, mulher de Mausolo; sepultou em
seu peito as cinzas de seu marido,
tomando-as em chá ou caldo.

Ásia — Segunda parte do mundo,
a qual cobre da mar Vermelha, que
a divide da África, para a oriente,
até a China. Os povos, que a habi-
tam, chamam-se orientais.

Atlantia — Duas heróicas gregas
houve de nome: uma, filha de Eri-
quime, muito ágil, que disputou com
os moços quem seria capaz de alcançá-la
na carreira, para se casar
com ela; outra, filha de Jasão, rei da
Aróadia, imbuída de coragem, que não
temia, antes matava javalis.

Bachá — Governador turco de província.

Bander-abaw — Comarca do Yemen.

Botávia — Colônia holandesa na ilha
de Java, capital de todas as suas
colônias na Oceania ou mar das Índias.

Berbice — Colônia holandesa na Guayana.

Brasil — Rio de Janeiro, capital do Brasil.

Cádiz — Cidade da Espanha, no estreito
de Gibraltar, por onde entra o mar
Oceano para o Mediterrâneo.

Cahru — «Café», em língua turca.

Campo Grande — Distrito a oeste
do Rio de Janeiro.

Canasura — Montanha a mais alta
da cordilheira marítima do Brasil, da
parte do sul.

Cangueiros — Negros que, no Rio
de Janeiro, carregam os fardos do comércio
para os depósitos a armazéns.

Caiana ou Guiana — Capital das
colônias francesas na América, no
norte do Pará.

China — Grande império chamado
«Celeste», nas confinas da Ásia, onde
nasce o chá.

Constantinopla — Capital do império
turco, no oriente da Europa.

Dacier — Dueta francesa, filha de
um Dacier tomou na universidade a
grau de doutora e foi mestre das prin-
cezas da França.

Derwick — Trade ou embarcação da ilha
de Maloma.

Egito — Grande região da África
tem pelo norte o mar Mediterrâneo e
pelo oriente o mar Vermelho.

Espanha — Reino da Europa, entre
Portugal e a França. Os seus le-
vadores, foram, antigamente, obriga-
dos a plantar certo número de can-
dozeiras, por a pagar o multa de cem
réis por cada uma.

Etiópia — Região ao norte da
África.

Eunucos — Negros castrados e fer-
vientemente laicos, que servem de
guardas e de pagens das casas mu-
sulmanas.

França — Grande reino no centro
da Europa.

Geórgia — Província do reino da
Arménia, a sueste da Rússia, onde
as mulheres são muito formosas: se-
guem a religião cristã do rito grego,
e, por isso, consideradas como escrava-
das pelos turcos, que as compram a
quem as lúta e vende em Constantinopla.

Grão senhor — O imperador da
Turquia.

Grão vizir — Ministro de Estado em
Constantinopla.

Guiana — Colônia holandesa na
América, ao norte do Pará.

Hásmu — Repetimento na oza de
turco, onde moram as mulheres de
Baita de chave e da guarda dos su-
nucos.

Holanda — Reino da Europa, no
mar do Norte; confina com a Frásia,
o Hanover, e a Bélgica.

Hauritas — Moça de admirável be-
leza, com quem os turcos têm que
não de viver no outro mundo.

Imameto — Quer dizer «governante
provisório», em drabe.

Índia — Região da Ásia, a oriente da
África.

Irã — Distrito a noroeste do Rio
de Janeiro.

Ispahá — Antiga capital da Pérsia,
na Ásia.

Iquibidá, ipé, preba — Grandes
árvores e madeiras do Brasil.

João V (dom) — Rivoltando com
Luís XIV, despendeu em Portugal
grande magnificência: a lúta dele
dese Voltare que as suas festas eram
grandes, suas edifícios mactelinos a
suas antelhas as beiras.

Lima — Capital do Peru, na América,
onde os espanhóis encaixaram de
barras de prata a rua, por onde ia
passar o duque de La Plata, que foi
de Espanha a governação em 1682.

Londres — Capital da Inglaterra.

Luís XIV — Grande rei na França,
em cujo tempo brilharam os armas,
as letras, o cristianismo e a magni-
ficência na França.

Madrid — Capital da Espanha.

Marselha — Cidade marítima da
França da parte do Mediterrâneo.

Martínica — Ilha da América, no
arquipélago colombiano, pertence à
França.

Méca — Cidade da Arábia, onde
se acha o túmulo de Maomé; que
todo maometano tem obrigação de
visitar ao menos uma vez em sua
vida (se quiser ir para o céu), e,
quando lá vai, leva grandes esmo-
las aos devotos do templo.

México — Ex-colônia espanhola,
no continente da América do Norte,
entre aze e o oceano, de que se faz
e chocolate.

Mirmidões — Antigo reino da Grécia,
onde veio Aquiles, com seus
soldados, combater os troianos, e ali
se apaixonou com ele a valente Pen-
teiléia.

Méca — Cidade marítima da Arábia,
na costa do mar Vermelho, para
onde vem do interior o café, que daí
se exporta.

Mulá — Fontice da lei da Maloma.

Musulmanos — Mulheres da Tur-
quia.

Nantes — Porto da França, no mar
Oceano.

Napóles — Ninfas que presidem às
lúas.

Niáides — Ninfas que presidem às
lúas e rios.

Nemoura (mademoiselle de) — D.
Maria Francisca de Sabá.

Niterói — «Mar escondido», baía do
Rio de Janeiro.

Noite Dama — «Noite Senhora»
magnífica igreja-catedral de Foz de
Iguaçu.

Oleir — Antiga cidade da Índia,
dando Salomão arrecadou a imenso
ouro e riquezas que ostentou em Je-
rusalem.

Oriente e orientais — Países e po-
vos da Ásia.

Pão de Açúcar — Alta rochedo pi-
ramidal, que está na barra do Rio
de Janeiro, destruído da fortaleza de
Santa Cruz; os navios passam entre
ele e a fortaleza.

Paris — Capital da França.

Pedro Alvares Cabral — General
português, que, indo para a Índia,
vicio, corria da tempestade, avistou
os montes Amóres de Porto Seguro,
e descobriu o Brasil.

Pentélope — Mulher do Ulisses, rei
de Itaca, vendo-se perseguida de
muitos príncipes, que a pretendiam
durante a ausência de seu marido,
prometia aceitá-los, quando acabas-
se de bordar um véu; e, para nunca
acabar, desmanchava-se de noite o que
lára de dia.

Penteléia — Rainha de Ásia, que
combateu contra Aquiles, na guerra
de Troia.

Pérsia — Grande região da Ásia,
abundante de riquezas, aromas, es-
sências de roças etc.

Pirâmides — São três grandes pa-
lácios, que parecem montanhas, de
figura piramidal, sem portas nem ja-
nelos, construídos pelos antigos reis
do Egito.

Polónia — País da Europa, entre a
Alemanha, Rússia e Áustria.

Prata — Grande rio da América do
Sul, corre entre as repúblicas do
Uruguay e de Buenos Aires.

Proleta — Menado ou Moçambique,
imporante, que, fingindo-se escravidão
de Deus, lúndio o religião do seu nome,
a qual é uma monstruosa mistura de
cristianismo e judaísmo, permite aos
homens terem muitas mulheres, con-
servando-as na mais lúcia ignorân-
cia e servilismo.

Roxana — Moça predileta ou lavra-
do do harém de Ubeek, lúndio da
Pérsia. Vejo-se Montequieu, «Carlos
pérsicas».

Sáfo — Moça grega de muito saber,
elegância, poesia.

Samora — Montanha a mais alta
da cordilheira marítima do Brasil, da
parte do norte.

Sanaá — Comarca do reino do Ye-
men, na Arábia, onde o café nasce
naturalmente.

Saquarum — Distrito ao norte do
Rio de Janeiro.

Semiramis — Rainha da Assíria e
celebre conquistadora.

Síria — Vasta região da Ásia, en-
tre o mar do Mediterrâneo e o mar
Vermelho, usada rica, são aqui
vários povos, que o governo não
emprega.

Síria — Grande país da Ásia, da
parte do mar de Constantinopla.

Solá — Legislador da Grécia, ins-
tituiu o culto de Venus, que, em con-
sequência, teve um templo esplên-
do em Cnido, outra em Falos, Creta
etc.

Surinam — Porto da Guayana Ho-
landesa, na América, ao norte do
Pará.

Surul — Distrito a noroeste do Rio
de Janeiro.

Tchebuk — Significa, em língua
turca, «o cochimbo».

Tejo — Rio e barra de Lisboa, em
Portugal.

Tieté — Grande rio do Brasil, na
província de São Paulo.

Tocantins — Grande rio do Pará.

Tourneval — Celebre botânico fran-
cês.

Trépico — Clima que está abeli-
xo do giro do sol.

Turcoi — Ministro da Fazenda do
França, no reinado de Luís XVI.

Ubeek — Príncipe da Pérsia, Vejo-
se Montequieu, «Carlos pérsicas».

Yémen — Reino da Arábia, da parte
da Síria e mar Vermelho, onde nasce
o café e a cultura o café, que se exporta
pelo porto de Moka.

Zenóbia — Rainha rainha de Pal-
myra, cidade fundada por Salomão.

(Bastão de Magalhães — O Car-
pós. 345-387).

Recado ao "Correio das Artes"

«Correio das Artes» é o título de
um interessante suplemento literário,
que edita «A União» da Paraíba. In-
iciou-se em março de 1949, e já nos
foros de uma das melhores publica-
ções do gênero, aparecidos nos Estu-
dos.

Embora constrangidos, temos um es-
paro a fazer ao número 2 de «Correio
das Artes» — número esse aparecido
em 3 de abril do ano passado. E o
que se refere a um desenho represen-
tando uma criança sentada, que «Cor-
reio das Artes» estampou como sendo
o trabalho do artista Eros Gonçalves.
Não é, não. É, em realidade, um de-
senho de Ennia; Representa (de acor-
do com a fotografia que no oculto
em que preparávamos aquele número
nos fora cedida por pessoa da fami-
lia de Alphonsus de Guimarães, me-
moro do que o nosso saudosíssimo
João Alphonsus) o grande poeta de
«Amalhas», aos 6 anos de idade. O
original pertence hoje a Alphonsus de
Guimarães Filho.

Poi estampado aquele «desenho de
Ennia» em nosso fascículo de 8 de
novembro de 1949, correspondente ao
14.º número do terceiro volume.

E, pôde de lúntina tróca ocorrido
nos distintos organizadores do suple-
mento paraibano uma confusão tão
inevitável.